

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 21 de dezembro de 2016**

Texto de referência: Luigi Giussani, Por que a Igreja, Editora Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 185-202.

- *L'assenza*
- *Ballata dell'uomo vecchio*

“Eu gostaria de ver Deus [...] / mas não é possível” (“Ballata dell'uomo vecchio”, Claudio Chieffo). É o desejo de todos os homens religiosos, era o desejo de Platão, que no *Fédon* nos lembra como ele gostaria de fazer a travessia do Pélago da vida “com um transporte mais sólido, com a ajuda da palavra revelada de um deus” (*Fédon*, 35), mas certamente não podia imaginar que essa palavra se tornaria carne, coincidindo com o rosto de Alguém.

Sempre que cantamos, no modo como cantamos, verificamos o caminho que estamos fazendo. O que aconteceu enquanto cantávamos? Quanto mais nos damos conta disso, com vibração e intensidade cada vez maiores, tanto mais tudo nos fala. “Há apenas um lugar para onde voltar”, porque “há apenas um coração onde estar” (“L'assenza”, F. Mannoia).

Retomemos o trabalho sobre o capítulo “O fator humano” de *Por que a Igreja*. O contexto em que vivemos pode nos ajudar a percebermos o alcance deste capítulo. Quando temos mais consciência das circunstâncias – que são essenciais para o nosso caminho –, também podemos perceber melhor toda a densidade das implicações citadas por Dom Giussani. E qual é o contexto? Para dizer com uma expressão – repetimos isso com frequência nos últimos anos –: o colapso das evidências. Coisas que antes eram evidentes a todos, partilhadas por quase todos, cada vez mais tornam-se menos evidentes a ponto de nos encontrarmos – para usar a última expressão da moda – na época da pós-verdade (não nos ligamos mais aos fatos!). Os grandes gênios já tiveram a percepção disso há décadas; e agora está se tornando evidente também para nós. No retiro dos sacerdotes (disponível no site de *Passos*) vocês podem ler um trecho de Henri de Lubac que escrevia, já na metade dos anos quarenta, que muitas tentativas da sociedade moderna “conservavam frequentemente [...] muitos valores de origem cristã, mas dado que tinham separado estes valores da sua fonte, não foram capazes de mantê-los com a sua força nem com a sua integridade original”. A razão desse colapso é que os valores foram separados de sua origem histórica. E quais são estes valores? “Espírito, razão, liberdade, verdade, fraternidade, justiça: estas grandes coisas sem as quais não existe verdadeira humanidade, que o paganismo antigo tinha vislumbrado e que o cristianismo tinha fundado, depressa se tornam irreais [uma palavra forte!] no momento em que já não surgem como um irradiar de Deus e a fé no Deus vivo já não as alimenta mais com a sua linfa”. E, então, “tornam-se [...] formas vazias e [...] bem depressa se reduzem a um ideal sem vida”, porque “sem Deus, a própria verdade é um ídolo, a própria justiça é um ídolo. Ídolos [...] pálidos demais em comparação com os ídolos de carne e de sangue” contra os quais devem lutar (H. de Lubac, *O drama do humanismo ateu*, vol. 2, Jaca Book, Milão 1992, p. 59). Somente se entendemos isso podemos realmente compreender qual é o desafio que temos diante de nós. Qual é a resposta a esta situação histórica que tanto nos preocupa, que tanto nos faz sofrer, às vezes até brigar? Que estes grandes valores, que estas grandes coisas sem as quais não existe verdadeira humanidade tornem-se novamente irradiação de Deus. Como? É preciso que passem através do humano. Aqui está a ligação com o capítulo de *Por que a Igreja*: através do humano!

Repetimos isso de muitas maneiras nestes últimos tempos, citando Dom Giussani: “O capítulo vigésimo primeiro do Evangelho de João é a documentação fascinante do surgimento histórico [de uma modalidade nova de viver] [...]. A história particular que está documentada ali é uma peça fundamental da concepção cristã do homem, da sua moralidade no seu relacionamento com Deus, com a vida, com o mundo” (L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 82). Toda a concepção cristã passa através de uma história

particular. Mas na época moderna, neste nosso tempo, esbarramos em uma dificuldade. A concepção da qual Dom Giussani fala se choca com uma cultura que ele mesmo descreve assim: “A cultura de hoje considera impossível [atenção: impossível!] conhecer, mudar a si mesmo e a realidade “apenas” seguindo uma pessoa [ou seja, considera impossível o cristianismo]. A pessoa, na nossa época, não é contemplada como instrumento de conhecimento e de mudança, já que estes são entendidos de maneira reduzida, [...] [o conhecimento] como reflexão analítica e teórica, e [...] [a mudança] como práxis e aplicação de regras. [...] Em vez disso, João e André, os dois primeiros que se depararam com Jesus, justamente seguindo essa pessoa excepcional aprenderam a conhecer de um modo diferente e a mudar a si mesmos e à realidade. A partir do instante daquele primeiro encontro, o método começou a se desenvolver no tempo”. (Luigi Giussani “Da fé, o método”, *Passos* n. 101/ Fev 2009, pp. III, V). A cultura considera impossível que uma pessoa possa veicular a verdade, que esse “gostaria de ver Deus” possa acontecer, que coincida com um rosto, em suma, considera impossível o método de Deus, ou seja, que o veículo da comunicação do divino seja o fator humano. O escândalo diz respeito à pretensão de Jesus e à pretensão da Igreja.

Como podemos responder a esta objeção? Evidentemente não podemos fazê-lo simplesmente afirmando o contrário com palavras. Como Dom Giussani responde? De onde parte? Como nos faz começar a entender a resposta? Partindo da experiência. Somente a experiência pode constituir uma resposta adequada a esta objeção – não há alternativas –, foi assim desde o início do cristianismo. O que Dom Giussani coloca diante dos nossos olhos no início do capítulo que estamos trabalhando? As cartas de São Paulo, onde se lê, por exemplo: “eu também, irmãos [...] quando fui a vossa cidade anunciar-vos o mistério de Deus não recorri a uma linguagem elevada ou ao prestígio da sabedoria humana [...]. Aliás, eu estive no meio de vós com fraqueza e receio e com muito tremor. Também a minha palavra e a minha pregação não tinham nada dos discursos persuasivos da sabedoria, mas eram uma demonstração do poder do Espírito” (*Por que a Igreja*, p. 195). Este argumento, a manifestação do Espírito e de seu poder, é a única coisa capaz de convencer o homem, a única coisa capaz de convencer a nós e de convencer os outros. Por isso, a verdadeira pergunta é: “E hoje?”. Não basta apelar para algo do passado para convencer o homem de hoje, porque também Lessing reconhecia que se tivesse visto acontecer novamente os milagres do passado, teria se interessado pelo cristianismo e chegaria a acreditar. Amigos, as pessoas não poderão se interessar por Cristo apenas pela recordação de um passado. Quando lia o Evangelho para meus alunos, que não conheciam as teorias de Lessing ou de Kant, eles me diziam: “Isso é muito bonito, mas não acontece hoje”. Só é possível responder a essas objeções com os fatos.

Colocação: *Conto um fato que aconteceu no sábado e me ajudou a descobrir um pouco mais o que é a Igreja e o que é o Natal. Fui com um amigo levar a cesta do Banco de Alimentos para uma família muçulmana da Tunísia que conheço há pouco mais de um ano. Esta é a nossa caritativa. Quando entramos na casa deles, encontramos a mulher com suas três filhas. Enquanto eu brincava com as meninas, num determinado momento percebi que a mãe chorava. Seu marido está desempregado há vários meses. Os dois têm alguns problemas de relacionamento, ela se sente muito sozinha e me disse que às vezes não tem o que comer, e não só isso, não tem o que dar a suas filhas, que choram e, no fim, disse que a vida assim não tem sentido. Nunca a tinha visto tão triste. Fiquei comovida e queria fazer alguma coisa por ela, mas não sabia o que fazer. Pensei em lhe dizer algumas palavras bonitas ou deixar algum dinheiro, mas tudo me parecia insuficiente. O que pode realmente fazê-la voltar a ter esperança? Como posso dizer para que não chore? Naquele momento lembrei-me dos amigos que me esperavam no presépio vivo, que começaria em duas horas, e na beleza daquele gesto. Então, convidei-a para vir comigo. Ela disse que sim, e foi com as filhas. Enquanto assistíamos ao espetáculo sobre a vida de Jesus, esta mãe se comoveu e chorou. Disse-me que sabe que essa história é verdadeira e que entre todas as pessoas que conheceu na Itália as que mais a ajudam e gostam dela são “de Jesus”. Disse-me: “Entendi que vocês são cristãos”, e agradeceu a Deus. Quando a levei de volta para casa ela sorria, e me agradeceu. O que aconteceu a ela? O que torna possível ter esperança e sorrir? Alguém presente no meio de nós.*

Aquele fato que começou há dois mil e dezesseis anos aconteceu, para mim, para esta mãe, para os meus amigos e para o mundo inteiro.

Carrón: Não apenas o presépio vivo, evidentemente, mas o fato de que, entre todas as pessoas que encontrou, percebeu uma diversidade humana – e fez isso muito bem – naqueles que “são de Jesus”. Isso a fez ter esperança novamente. É a mesma coisa que conta uma moça que me escreveu da Rússia e, por isso, infelizmente, não pode estar aqui: “Nas últimas Escolas de Comunidade você colocou no meu coração a impensável proposta de verificar a forma do meu pertencer. Assim como a afirmação de que somente na experiência do ‘sim’ de Pedro está a única fonte, a única possibilidade de novidade. Carregando a proposta de verificar esta novidade em mim, apresentou-se de repente o desafio, porque meu aniversário de 40 anos estava próximo. Normalmente a comemoração dos meus aniversários sempre são pesados para mim, pelo meu hábito e de meus amigos de viver este dia de modo superficial. Mas, depois, entendi que, pelo fato de o quadragésimo aniversário ser um número redondo e por causa dos amigos, não podia me abster [não havia a possibilidade de escapar e, então, ela aceitou o desafio]. Um amigo mais velho nos convidou – quando veio nos visitar – a divulgar a exposição sobre Dom Giussani. Pensei que esta poderia ser uma maneira de festejar meu aniversário: o que seria melhor para festejá-lo do que contar a minha história? Então, convidei meus amigos para a festa e contei um fato particular, a história minha e de meus amigos, referindo-me à história do Movimento como raiz de tudo isso. Ou seja, propus a história do meu pertencer, e não para fugir do aniversário, mas como ocasião, para mim, de aprofundá-lo e festejá-lo. E – segunda coisa – decidi compartilhar minha experiência de caritativa propondo aos convidados que, ao invés de me dar um presente, oferecessem uma soma em dinheiro em favor da casa de acolhida para crianças mantida pelos salesianos, onde aconteceu a festa. O resultado superou todas as expectativas. O próprio gesto foi mais vivo e belo do que eu poderia imaginar. O juízo de todos foi: ‘Bonito!’. O meu juízo foi: ‘É Cristo’ [e conta uma sequência de reações que teve diante do que viu naquele dia]. O diretor da casa de acolhida exclamou: ‘Quem são vocês?’. Pergunta estranha, porque nos conhecemos há mais de dez anos. Disse-me que ficou impressionado com tudo, ‘com o modo como prepararam a festa, como, depois, colocaram tudo em ordem, como falaram de sua experiência, com o relacionamento entre vocês. Nunca encontrei um grupo assim. Vocês conseguiram impressionar e chamar à conversão um velho sacerdote como eu’. E acrescentou: ‘A sua história e de seus amigos é realmente importante’. Depois, demos-lhe o dinheiro arrecadado e ele nos disse: ‘em nenhuma missa recolhemos tanto quanto nesta festa!’. Uma amiga minha, ao participar da festa, sentiu-se julgada na modalidade com a qual está educando os filhos: ‘Eu assisto a televisão, e o mundo é tão terrível... Mas hoje, olhando para vocês, entendi que há uma possibilidade de esperança. Estou educando meus filhos de modo correto, coloco-os nas melhores escolas, dou a eles a melhor comida, as melhores roupas. Mas não dou a coisa mais importante: eles não aprendem comigo a conhecer a vida’ [disse isso tendo participado simplesmente de um de nossos gestos!] Mas fiquei impressionada, sobretudo, por aquilo que provocou em mim, isto é, a certeza. Certeza de quê? De que somos capazes de fazer belos gestos? Que ajudamos uma casa de acolhida, que foi uma descoberta de bondade e beleza para minhas amigas? Certamente não. A segurança no lugar e no caminho, em um lugar capaz de gerar uma nova criatura, um novo olhar e um novo povo, não um lugar abstrato, mas um lugar concreto, o Movimento. Percebi que cresceu em mim o desejo de seguir e de pertencer. Desejo seguir suas indicações, que propõem continuamente este trabalho. Nos dias seguintes não desapareceram, mas, ao contrário, cresceram as reações, o meu interesse e a curiosidade por cada instante e acontecimento. Minhas manhãs tornaram-se desejo apaixonado de vê-Lo. Cresceu também a consciência da oração cotidiana por você e por seu trabalho”. No entanto, às vezes, apesar de vermos continuamente fatos como este e sempre ouvirmos testemunhos, não é tão claro reconhecer a presença do divino em uma companhia cheia de limites.

Colocação: *Às vezes percebo que se não acontece uma excepcionalidade irresistível na companhia da Igreja, sou totalmente incapaz de realmente viver. Não consigo dizer: “Isto é um bem para mim”, só consigo dizer: “Senhor, sou Tua, por que me dás esta situação?”. Ainda não tenho*

resposta e isso me entristece. Acontecem coisas muito bonitas, mas duram pouco e então volto à tristeza, ao cotidiano que quebra as pernas. Então, pergunto: diante desta companhia tão precária e cheia de limites, como se faz para olhar para o outro por sua origem e não por seus limites? É só uma graça que precisa ser pedida – já estou fazendo isso – ou eu também posso colaborar para que isto aconteça?

Carrón: Nós podemos fazer alguma coisa? É evidente que é Cristo que faz acontecer estas coisas. Mas nós podemos fazer algo, não para gerá-las diretamente, mas para reconhecê-las, para reconhecer aquilo que acontece. Quando surgem essas perguntas, sempre me lembro do início do capítulo quarto de *O senso religioso*, onde Giussani nos lembra que “o verdadeiro problema no que concerne à procura da verdade sobre os significados últimos da vida não é o de uma grande inteligência que se faça necessária, de um esforço especial ou de excepcionais meios para alcançá-la. A verdade última é como quando se encontra algo belo no nosso caminho: só a vemos e reconhecemos se estamos atentos. O problema, portanto, é esta atenção”, ou seja, aprender a estar atentos. Pedi para algumas pessoas que me escreveram para testemunharem o que pode nos ajudar, qual educação é preciso viver para poder reconhecê-Lo em tudo o que acontece sem precisar censurar o limite da companhia que nos foi dada.

Colocação: *“Quis vir Aquele que poderia contentar-se em nos socorrer” (São Bernardo de Claraval). Para mim, as histórias que vou contar são sinal disso. Uma ex-aluna minha – dou aulas em uma universidade americana – nascida e crescida na China, veio até nós para fazer uma especialização. Nós a conhecemos quatro anos atrás. Este ano, na Páscoa, foi batizada e recebeu os sacramentos, e me pediu para ser seu padrinho. Na Paróquia onde foi celebrado o Batismo é tradição pedir aos catecúmenos que decorem suas velas batismais. E ela decidiu desenhar o gráfico de Dom Giussani com as flechas e o X, que foi a primeira coisa sobre a qual lhe falei quando me perguntou sobre a minha religião. Poderia contar muitas coisas sobre a amizade com ela, que me ajuda e me educa muito porque é toda baseada sobre a experiência. De fato, não posso explicar as coisas a ela através de categorias culturais e intelectuais (muito menos religiosas). Sou Memor Domini, e nunca falamos sobre isso exatamente porque é muito distante das suas concepções. Um par de anos atrás convidei-a para passar a vigília de Natal com os meus amigos da casa. Depois daquele dia, ela me disse: “Entendi porque vocês vivem assim. Porque são felizes”. Através de traços inconfundivelmente humanos para o coração, percebeu a razão de uma coisa tão divina, de Deus, como a vocação. E fiquei impressionado como usou a correspondência com o coração humano como razão para explicar de modo exaustivo uma coisa que é muito diferente da realidade dela. A segunda história fala de um rapaz que conhecemos em uma prisão alguns anos atrás. A penitenciária em que está fica a três horas de carro da cidade, no meio do nada. Foi preso há mais de vinte anos, quando era muito jovem, e condenado a uma longa pena. Quando ainda era menino seus pais se divorciaram e por causa disso, a mãe foi dispensada do trabalho com o coro da igreja. Ela ficou com raiva e parou de frequentar a igreja. Portanto, o filho cresceu sem fé até cometer um crime grave. No primeiro ano da prisão, a pedido do avô, decide ler a bíblia, mas somente para provar ao avô e ao irmão que é tudo bobagem. Como nos contou, depois de ler a Bíblia entendeu que era cristão, mas não sabia de qual “denominação”. Num determinado momento seu processo foi reavaliado por uma questão de forma e ficou fora da prisão durante um ano. Reaproximou-se da igreja católica e recebeu os sacramentos, mas a condenação foi confirmada. Depois que voltou para a prisão, começou a ler de tudo sobre a fé, fez uma especialização à distância em teologia (durante oito anos) e, por acaso, leu que Bento XVI era próximo a CL. Daí, chegou até *Traces* [revista *Passos em inglês*] e a nós. Em agosto me ligou e disse que inesperadamente lhe concederam prisão domiciliar e que, portanto, agora morava em nossa cidade com a mãe (que com o tempo se reaproximou da Igreja). No último dia de prisão nos escreveu uma carta: “Preciso muito da ajuda de vocês para encontrar trabalho e para todos os desafios que me esperam. Mas aquilo de que mais preciso, vocês já me deram e é a consciência de que há alguém que me espera fora; sei que sou amado”. Também neste caso, “quis vir Aquele que podia contentar-se em nos socorrer”. Essas histórias me fazem viver aquilo que chamamos de “o*

estilo de Deus”, ou seja, o fato de que uma coisa do outro mundo usa uma história toda humana e particular para se manifestar. Eu preciso disso, porque entendo que Deus age comigo do mesmo modo.

Carrón: Quando encontramos uma pessoa tão simples, pobre de espírito – podemos dizer –, entendemos que para reconhecer os fatos é preciso, também a nós, apenas essa pobreza. Porque o que a amiga chinesa encontrou é o que nós também encontramos: os fatos. Mas se essa abertura original, se essa curiosidade, se esse escancarar-se dos olhos diante da realidade não é constantemente educado – nos diz sempre Giussani – nós não vemos. Não que a realidade não exista, mesmo com todos os seus limites, o problema é que não a vemos. Todos os que aquela moça chinesa pode encontrar são pessoas cheias de limites como nós, não pode encontrar nada diferente; o mesmo vale para o exemplo da Rússia.

Colocação: *Conto uma coisa que aconteceu nestes dias e que despertou a minha consciência sobre o tipo de novidade que carregamos e que evidentemente não é nossa. Dezoito anos atrás, um rapaz nos encontrou nas banquinhas de ajuda para a matrícula da universidade, um rapaz que estava afastado da Igreja, que tornou-se nosso amigo, estudava conosco, vinha aos encontros de Escola de Comunidade e até, uma vez, foi ao retiro (Exercícios espirituais de Rímini). Três anos depois, após a formatura, nos perdemos de vista. Até duas semanas atrás, quando do nada veio ao nosso grupo de Escola de Comunidade, depois de quinze anos. Então nos encontramos para jantar porque eu queria saber o que tinha acontecido com ele para que reaparecesse depois de tanto tempo! Contou que participou com sua noiva de um curso de noivos e ouviu um monge dizer uma frase que o tocou a ponto de afirmar: “Gostaria que não terminasse, que pena que esta noite tenha que terminar!”. Compartilhando este juízo com a namorada, disse: “Espere, há muito tempo atrás experimentei algo parecido, um lugar onde me sentia bem, e não queria que terminasse”. Disse-me que de repente sentiu renascer em si todo o alcance daquilo que tinha encontrado quinze anos atrás e que sentia a necessidade de reencontrar aquela realidade. Assim, veio à Escola de Comunidade, trazendo também a noiva. Enquanto jantávamos, disse: “Na época, o que mais me impressionava e interessava era ver o entusiasmo com que vocês faziam as coisas cotidianas: o estudo, as tarefas, os jantares, os jogos, os cantos. E, no tempo, tudo isso ficou dentro de mim e, encontrando aquele monge, entendi que quero ir além da superficialidade cotidiana e viver toda a vida assim. Por isso, preciso reencontrar o único lugar que vi na vida onde essa questão emergiu tão claramente”. Fiquei comovido porque em um instante percebi que o Mistério reaproximou esse amigo para que eu pudesse perceber, na experiência, que tipo de acontecimento entrou na minha vida, que é capaz de reascender o desejo e a necessidade de um homem depois de quinze anos. E, assim, hoje eu posso dizer “sim” a este acontecimento deixando de lado a sombra de obviedade que normalmente reduz a sua novidade e sua força cognitiva a um mecanismo. Realmente o Mistério tenta de tudo para se apresentar e realmente não se contenta em nos socorrer. Além disso, esta noite era para meu amigo estar comigo assistindo a Escola de Comunidade via vídeo, porém está aqui pessoalmente!*

Carrón: Veem? O que vence a sombra de obviedade com a qual muitas vezes olhamos o que nos aconteceu é o recontar do evento, o recontar de “um lugar onde me sentia bem [...] e não queria que não terminasse”. Como cantamos no início: “Há apenas um lugar para onde voltar / há apenas um coração onde estar”. Mas o que é necessário? A atenção aos sinais. Aquele amigo podia deixar para lá, porém, o que aconteceu remeteu-o a algo que tinha acontecido quinze anos antes, tão grande era a marca que deixou nele.

Colocação: *Fiquei tocada com a última Escola de Comunidade e com as colocações, e queria simplesmente pedir uma ajuda sobre o que fazer agora. O que me tocou das colocações é que as pessoas viam a presença de Cristo em coisas pequenas, talvez discutíveis. O ponto está exatamente aqui. Depois do exemplo do quarto arrumado pela mãe ou da viagem de trem, pensei em minha colega de quarto: normalmente, se deixo minhas coisas fora do lugar, ela as guarda. Também pensei em uma reunião com um cliente que insistia em falar da Igreja e isso me despertava. E*

pensei em outros pequenos fatos que são sinais de graça, mas para que sejam é preciso reconhecê-los. O simples fato de falar com meus amigos do Movimento sobre esses pequenos acontecimentos me deixaria embaraçada, no entanto não são diferentes do que foi contado na última Escola de Comunidade. Tento me explicar melhor. Acontecem muitas coisas nos meus dias, coisas que me levariam além, mas é como se eu não as visse, como se não as gravasse porque são coisas pequenas, discutíveis e digo a mim mesma: “Que sorte!”, ou: “Que azar!”. No entanto, o que notei nas colocações é que quando a pergunta urge em você, toda a realidade fala d’Ele. Eu também fiz experiência disso na minha vida. No entanto é como se precisasse voltar, com grande dificuldade, àqueles fatos e testemunhos – poucos – nos quais acredito que ou Cristo existe ou sou louca. O verdadeiro ponto não é tanto a dificuldade de me lembrar desses fatos, mas muito mais a percepção de estar perdendo algo. Cinco anos atrás fui reconquistada pelo Movimento através de uma moça portuguesa (para mim uma pessoa qualquer não poderia incomodar!). O que me reconquistou foi exatamente o seu relacionamento cotidiano com as coisas de todos os dias. À noite, quando nos encontrávamos para o jantar, falávamos sobre o que aconteceu no dia e, para ela, cada encontro feito era um pedido. Era para si, para que pertencesse àquele relacionamento. Falava do seu dia dizendo: “É inteligente, olha o que me fez encontrar”, ou: “Olha, utilizou isso para me fazer entender”. Então desejei seguir o Movimento cada vez mais, porque assim a vida e a fé teriam outro gosto. Infelizmente, essa intuição não foi suficiente, não bastou uma decisão para viver assim. Então, agora estou no trabalho tentando não perder o caminho. Não quero viver iludida e vislumbro uma possibilidade de radicalidade. Se durante os meus dias percebesse todas as coisas que acontecem de modo a reconhecê-Lo, tudo seria mais bonito. Talvez Ele esteja tentando me tomar e eu sequer olho para Ele. Como faço para tirar de mim esse “talvez” sem ser uma visionária? Obrigada porque você existe e nos ajuda livremente.

Carrón: Como você disse antes: a questão é que vocês se deem conta do que falam. Estes fatos “precisam ser reconhecidos”, você disse. Mas qual é o problema? “É como se eu não os visse”, acrescentou. Não é que os fatos não aconteçam, porque não há ocasião em que nos encontremos que não falemos deles. Não há jantar, grupo de Fraternidade ou reunião de amigos em qualquer lugar onde haja vida do Movimento, em que não nos contemos coisas como as que ouvimos esta noite, mas é preciso reconhecê-las. O que me tocou da sua colocação é quando disse que o que facilita mais reconhecê-Lo é ter o pedido: quando o pedido urge, é mais fácil reconhecê-Lo, tanto é verdade que no início de *Na origem da pretensão cristã* diz que não há condição mais importante para reconhecer o fato cristão do que “uma tomada de consciência atenta, terna e apaixonada de mim mesmo”. Porque quando sentimos em nós uma urgência, somos mais capazes de interceptar a resposta. Então, a questão é que cada um de nós possa cada vez mais ser consciente do pedido que somos. Como? Como aconteceu com você: “Desejei cada vez mais seguir o Movimento”, porque é o lugar onde a pessoa que deseja seguir não mecanicamente pouco a pouco torna-se de tal modo consciente da própria necessidade – como você diz – que não basta qualquer coisa para responder a isso, mas deve fazer constantemente memória. Um noviço dizia neste verão: “Sinto saudade de mim mesmo, da experiência que faço no relacionamento com Cristo que faz com que não me contente com nada menos que isso”. Se alguém tem este pedido, então pode, no cotidiano “que quebra as pernas”, descobrir o que o Mistério está fazendo acontecer. Os fatos passam; e nós precisamos entender que se não conseguimos perceber a Presença que os faz acontecer, quando termina o contragolpe sentimental do fato, retornamos à condição de antes. Mas aquele fato, embora passageiro, aquele contragolpe, embora em uma pessoa cheia de limites, aquela intensidade, embora frágil, de onde nasce? Se nós não percebemos a presença de Cristo naquilo que acontece, na manhã seguinte, quando o contragolpe tiver passado, voltaremos ao início e, então, a nossa certeza não crescerá. E então estaremos sozinhos ao invés da nossa vida ser tecida por aquela Presença que nos plasma totalmente. Todos os limites que vemos, nos diz Dom Giussani, não podem constituir um alibi para não reconhecê-Lo. Escreve um amigo espanhol: “Assim como vejo que o fator humano é a possibilidade do divino, também vejo que eu me torno escravo do pecado. A nossa vida é essa luta? Então não é uma condenação? Quase sempre, na minha luta pessoal, vence o pecado e não é suficiente que o divino vença às vezes”. Nós vivemos nessa luta acirrada que acontece em nós. Por

que não é uma condenação? E por que não é verdade que o pecado vence sempre? Porque este amigo continua lutando, continua escrevendo, continua desejando. Não nos damos conta de que se resta, no meio da intervenção do nosso mal, apenas uma migalha de desejo, de pedido, de tensão, então aos poucos a vitória do divino torna-se possível. “Os primeiros homens que difundiram o cristianismo no mundo tinham, portanto, a consciência clara seja de que o divino resplandecia no mundo por meio do que diziam e faziam [com as palavras] [...] seja de que suas palavras eram carentes, os seus gestos frágeis [como uma festa de aniversário, um encontro casual no jantar, gestos “sem grandiosidade”, dizia padre Francesco Braschi na apresentação do livro de Dom Giussani *Dalla liturgia vissuta*: a eucaristia de Jesus é um jantar, um gesto cotidiano. O que mais o impressionava de Cristo era o relacionamento que tinha com as coisas normais da vida. Ao mesmo tempo, tudo isso – continua Dom Giussani] [...] não os tornava conformados e resignados [como dizer: como a nossa fragilidade também faz parte da experiência, podemos ignorá-la justificando-a. Não! Esta situação nos faz estar cotidianamente em luta] [...] constantemente tendentes ao dom da salvação” (*Por que a Igreja*, p. 198). Isso faz parte da nossa vida, tanto que não podemos mais evitar enfrentar essa luta, não para viver – como você diz – à altura da nossa tentativa, mas para não perdermos aquilo que acontece. Como diz outro amigo, que não pôde estar aqui por motivos de trabalho: “Muitas vezes eu resisto, sinto uma resistência ao fato de que Ele possa manifestar-se nas pessoas habituais das quais já conheço a história. O que me impressiona é que muitas vezes você, Julián, aprende de todos [é possível aprender a aprender de todos!] e vemos isso quando as pessoas fazem suas colocações na Escola de Comunidade. Gostaria de entender que valor tem essa minha condição, de onde recomeçar para não me fechar de novo”. De onde se recomeça? Dom Giussani nos responde. Fiquem atentos, porque são nuances contidas no texto, que às vezes nos fogem: “Não é tão fácil compreender existencialmente que o problema da Igreja é justamente este: Deus *quer* passar pela humanidade” (*Por que a Igreja*, p. 199). É normal que tenhamos esta dificuldade. Percebemos isso quando somos nós que precisamos dar testemunho de Cristo ou quando precisamos reconhecer esse testemunho nos outros. Podemos entender essas duas faces muito bem, e também o drama. Isso não acontece apenas com os outros, também acontece conosco: quanta dificuldade podemos ter entre nós para reconhecer o que está na nossa frente! Mas isso não pode impedir o reconhecimento daquilo que está acontecendo. De onde partir? Giussani diz: minha inadequação não pode me impedir de reconhecer que Cristo pode acontecer através dos outros.

Colocação: *Conto um episódio que aconteceu comigo uns dez dias atrás e que deixou claro esse pedido que carrego desde a última Escola de Comunidade. Por causa de um acidente banal acabei no Pronto Socorro e me atendeu um médico que tinha passado a noite ali e estava sobrecarregado e irritado por uma noite difícil (eu não sabia que era do Movimento, soube depois). Depois de trocar algumas frases comigo e meu marido deve ter percebido que também éramos do Movimento e de repente tornou-se eloquente, gentil, presente. Meu primeiro pensamento foi: olha que falso, primeiro nos tratou de um modo e agora de outro! Porém, o segundo pensamento foi: este é seu momento mais verdadeiro, porque diante de dois pobres coitados como nós, mas que o levavam a uma realidade maior, sua autoconsciência fez vir à tona o melhor de si, uma consciência que, no cansaço, tinha se perdido. E isso esclareceu para mim a pergunta. Se vivêssemos sempre como se estivéssemos diante da presença de alguém – como aquele médico estava diante de nós naquele dia –, nossa autoconsciência seria arrastada. Mas, para mim, o “como se” não basta. Minha pergunta é: eu me reconheço...*

Carrón: Não basta! Não basta, porque vocês sempre querem algo automático. Não basta, porque nós sempre queremos algo que não nos envolva. Por isso – se me permite – Dom Giussani diz no texto: “É preciso dar-se conta de que o que formulamos até aqui [...] implica aceitar que o humano faça parte de forma imprescindível da [...] Igreja” (*Por que a Igreja*, p. 201). Mas é preciso dar-se conta disso, assim como você percebeu a reação do médico. A questão é que muitas vezes nós não nos damos conta das coisas. Quando, ao contrário, você toma consciência, vê como tudo começa a dizer algo! Por isso, é preciso que isso se torne cada vez mais nosso para que comecemos a olhar para aquilo que normalmente consideramos óbvio. Se consideramos óbvio, então não reconhecemos

a realidade, não reconhecemos que aquilo que vemos tem uma origem. Este é o problema. E para poder fazer isso, para nos darmos conta disso, Dom Giussani ainda diz outra coisa: “Se alguém quer verificar a presença anunciada do divino nessa miséria humana, não pode se prender na atônita constatação da miséria para chegar a dizer: o divino não pode estar aqui. Deverá adotar um outro critério: nenhuma miséria [humana] poderá anular o caráter paradoxal do instrumento escolhido por Deus” (*idem*, p. 202). Portanto, quando não O reconhecemos, não é porque não exista, mas porque nós paramos em um nível que pode ser absolutamente verdade, mas que não mostra tudo daquilo que temos diante de nós. Tanto é verdade que os outros, provavelmente os mais novos, o reconhecem. E não porque os novos sejam mais propensos a terem visões!? Reconhecem porque têm uma simplicidade que nós, talvez, não tenhamos mais.

Colocação: *Nestas semanas li assiduamente o texto da Escola de Comunidade e, no fim de cada leitura, sempre havia frases que me agradavam e aspectos que me impressionavam. Todavia, isso não causou uma mudança na minha maneira de julgar as circunstâncias e a mim mesmo. Eram apenas belas páginas, mas não um instrumento educativo. Por isso, gostaria de falar do trabalho sobre o texto. Que trabalho é? Por que algumas vezes incide sobre a capacidade de olhar para si e para as circunstâncias, enquanto outras vezes, ao contrário, mesmo a leitura sendo um momento agradável, fica isolado em relação ao que se vive? Isso acontece com você também? Como você recomeça?*

Carrón: Alguém tem uma resposta?

Colocação: *Conto um fato simples que aconteceu comigo e que me permitiu entender na experiência a conveniência do caminho que nos propõe. Levar a sério o trabalho que você nos propôs nestes meses, e ultimamente também o do panfleto sobre o Plebiscito na Itália, foi para mim ocasião para verificar em muitos diálogos e encontros com amigos e colegas que o outro é um bem para mim, antes de mais nada porque me permite tomar consciência e aprofundar o encontro que fiz e que mudou a minha vida. Porém – o mítico “porém”! – apesar daquela beleza experimentada tantas vezes, na segunda-feira logo após a votação precisava fazer um trabalho com um colega com quem tenho muita dificuldade de me relacionar; naquele dia e nos dias sucessivos fiz de tudo para não cruzar com ele – mesmo diante do fato de que o outro é um bem! –. Depois, tive a graça de participar dos Exercícios dos Universitários, onde realmente pude experimentar novamente o evento de Cristo em tudo o que aconteceu naqueles três dias. Quando voltei ao trabalho, na segunda-feira seguinte, a primeira coisa que fiz foi procurar esse colega para trabalhar junto com ele e foi realmente útil e interessante para ambos, e caíram também todos os preconceitos que tinha em relação a ele. Tanto que no fim, ele me perguntou: “Onde você esteve nos últimos dias [tinha sido feriado] para estar tão contente e disponível?”. Graças a ele dei-me conta do que você quer nos dizer no texto “A forma do testemunho” quando pergunta de onde Dom Giussani parte para responder ao problema da razão, do conhecimento e da moral: “Porém, João e André, os primeiros que encontraram Jesus, exatamente seguindo aquela pessoa excepcional aprenderam a conhecer de modo diferente e a mudar a si mesmos e a realidade”. Para mim também foi assim. Experimentei que somente o acontecimento de Cristo que se dá agora me permite olhar para o outro e para a realidade como um bem e, daqui, posso recomeçar. E este é um juízo que aos poucos torna-se cada vez mais claro na minha vida, nos vários pequenos fatos que me acontecem seguindo a proposta que você nos faz.*

Carrón: Obrigado. “Eu fico completamente revoltado com o fato de que seja possível mudar a si mesmo e à realidade apenas seguindo uma pessoa”, me escreve um de vocês, “peço ajuda para julgar e para entender o quer dizer seguir uma pessoa. Seguir quem?”. Sempre tivemos a sorte de Dom Giussani sempre já ter pensado nessas perguntas, ou de alguém já tê-las feito a ele. Então é mais fácil responder, porque não vale dizer qualquer coisa. “Quando você pode confiar em uma pessoa? [Quando o que está em jogo é questão] [...] de vida ou morte, de ser útil ou inútil ao mundo, de estar bem ou não no mundo, de estar mortos antes de morrer ou de estar vivos também na morte [...]? Quando tenho uma razão adequada para confiar em uma pessoa de modo a segui-la, a

obedecê-la?”. E dá três razões. “*Primeiro*, é racional seguir um outro, obedecer um outro, quando me comunica e me revela uma concepção da vida e do seu destino que se apoia totalmente nas exigências originais do coração que são comuns a todos os homens, quando fundamenta uma concepção da vida que **se apoia sobre as exigências comuns do coração humano**. [...] *Segundo*: [a gratuidade]. O outro me diz essas coisas não por uma política sua, ou para ter um retorno, mas [...] **por uma gratuidade**. A gratuidade é o amor ao destino do outro e basta; o único motivo pelo qual me diz algo é o apego ao meu destino, à letícia da minha vida e à felicidade a ser alcançada [sem cálculo][...], não é fruto de cálculo”. Este segundo fator é importantíssimo, mas às vezes só o entendemos quando “fomos educados pela vida a amar os homens gratuitamente para entender quando um homem ama você gratuitamente”. E terceiro: que aquela pessoa “não só nos explica a vida”, nos oferece “uma concepção da vida que se fundamenta sobre as exigências comuns do coração do homem [...] mas **nos ajuda**: nos ajuda a superar o que é contrário a essas exigências, nos ajuda ao sacrifício, ou seja, o aspecto do conhecimento pelo qual ao aderir às exigências do coração, parece precisarmos abdicar de algumas coisas, parece ser necessário perdermos algo. Se uma pessoa, na concepção da vida que explica e comunica a você, parece suscitar movimentos e apoiar tudo sobre as exigências do coração, seu e de todos os homens; se o faz com gratuidade, querendo o seu bem, e quando o primeiro aspecto que toca você quando a encontra é essa gratuidade [...]; se lhe dá uma ajuda adequada, então, obedecer uma pessoa assim é obrigatório, como é obrigatório por em prática o racional, é preciso fazer aquilo que é razoável” (L.Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 2002, pp. 219-222).

AVISOS:

Antes de tudo quero ler a carta assinada enviada pelo Papa Francisco:

“Reverendo Padre Julián, agradeço-lhe e a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação os donativos, recolhidos durante as peregrinações, que generosamente quiseram enviar-me para as Obras de Caridade. Faz bem ao meu coração e consola-me muito saber que, de mais de duzentos Santuários marianos na Itália e no mundo, tantas pessoas tomaram o caminho da misericórdia no espírito da partilha com os necessitados. Os pobres, com efeito, remetem-nos para o essencial da vida cristã. Santo Agostinho ensina-nos: ‘Há pessoas que mais facilmente distribuem todos os seus bens pelos pobres, em vez de tornarem-se elas mesmas pobres em Deus’. Esta pobreza é necessária porque descreve o que temos verdadeiramente no coração: a necessidade d’Ele. Por isso vamos ter com os pobres, não porque já sabemos que o pobre é Jesus, mas para voltar a descobrir que aquele pobre é Jesus. Santo Inácio de Loyola, por sua vez, acrescenta que: ‘a pobreza é mãe e é muro. A pobreza gera, é mãe, gera vida espiritual, vida de santidade, vida apostólica. E é muro, defende. Quantos desastres eclesiais começaram por falta de pobreza!’.

Num mundo lacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do desperdício, não desisto de invocar a graça de uma Igreja pobre e para os pobres. Não é um programa liberal, mas um programa radical, porque significa um regresso às raízes. O voltar às origens não é um dobrar-se sobre o passado, mas é força para um início corajoso dirigido ao amanhã. É a revolução da ternura e do amor. Por isso peço-vos também que unais as vossas intenções em torno deste objetivo. Desejo que trabalheis com serenidade e com frutos, e que testemunheis com coragem a autenticidade da vida cristã.

A todos e a cada um concedo, de todo o coração, a bênção do Senhor.

Por favor, não vos esqueçais de continuar a rezar por mim.

Francisco”

Como vocês ouviram, o Papa nos agradece pelas coletas que fizemos durante as nossas peregrinações aos Santuários Marianos de todo o mundo por ocasião do Ano Santo da Misericórdia e que lhe enviamos para suas Obras de Caridade. Mas o Papa Francisco não se limitou a nos agradecer; de fato, quis nos indicar para onde devemos olhar para poder continuar o nosso caminho de modo a “testemunhar com coragem a autenticidade da vida cristã”. Peço que leiam atentamente a

carta, que a tornem objeto de reflexão, que procurem entendê-la cada vez mais com a ajuda dos amigos, nos grupos de Fraternidade, para se enriquecerem com o seu conteúdo. Deus não para de nos surpreender. Como não ficar tocados e agradecidos por este presente inesperado de um pai que se preocupa desse modo com o destino de seus filhos! Espero que Cristo encontre cada um de nós disponível à modalidade que escolheu para vir ao nosso encontro neste Natal. Não é óbvio: como Dom Giussani sempre nos chamou a atenção no Tempo do Advento, podemos esperar a Sua vinda, mas sem amar verdadeiramente a modalidade com a qual Ele decide, todas as vezes, vir. Recomendo que não deixem passar nenhum dia sem uma oração pelo Papa Francisco, como ele pediu a cada um de nós.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 18 de janeiro às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre o livro *Por que a Igreja*. Retomaremos o segundo ponto (as *Implicações*) deste primeiro capítulo (“O fator humano”).

Espero que vivam com gratidão as festas do Natal, porque a Sua vinda nos revela, como estamos vendo, o desígnio de Deus: fazer com que nos tornemos nós, a quem “escolheu nele antes da criação para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos [...], nos destinou a sermos filhos” (*Ef* 1,4-5). O Natal é ocasião para retomar um relacionamento verdadeiro com as pessoas e as coisas, como se documenta todas as vezes que O seguimos. Como não podemos deixar de desejar ser felizes, tendo rompido o relacionamento com Ele, no texto que escolhemos para o Cartaz de Natal, São Bernardo nos lembra a ternura do Mistério: “Vem como quem joga no fundo do mar todos os nossos pecados, como quem cura todas as nossas enfermidades, como quem sobre os próprios ombros nos traz volta à origem da nossa dignidade”. Quis fazer-se carne para permitir à nossa liberdade viver novamente todo o nosso cotidiano dentro de um relacionamento que tinha sido quebrado, para que possamos olhar novamente para nós mesmos e para a realidade de modo verdadeiro, como experimentaram João e André seguindo Jesus, e assim começaram a conhecer e a mudar a si mesmos.

Desejo um bom Natal a todos!